ISSN: 2358-8829

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO NA BUSCA PELA AUTONOMIA: UMA LEITURA INTERTEXTUAL ENTRE *CLAROS DEL BOSQUE, CÓMO SE HACE UNA NOVELA* E A PEDAGOGIA FREIRIANA

Fernanda Teixeira da Silva [1]
Cristiane Agnes Stolet Correia [2]

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem sido frequentemente reduzida a modelos estritamente técnico-instrumentais, nos quais a transmissão de conteúdos sobrepõe-se à formação integral do ser humano. Em contraposição a essa tendência, o presente trabalho defende que a autonomia do docente e do discente não se reduz a competências operacionais, mas exige um movimento dialético que una a interioridade do ser à exterioridade da ação político-pedagógica. Como adverte Freire, "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 2013, p. 29). Nesse sentido, o conhecimento não se deposita; elabora-se na relação viva entre reflexão e ação, entre recolhimento e presença no mundo.

A investigação fundamenta-se, portanto, em um diálogo transdisciplinar que reúne a experiência poético-filosófica de María Zambrano, a construção narrativa de Miguel de Unamuno e a pedagogia crítica de Paulo Freire. Três vozes que, ao percorrerem caminhos distintos, convergem na convicção de que não há formação autêntica sem o mergulho na própria interioridade, sem o reconhecimento de si como obra em construção e sem o compromisso ético-político de transformar a realidade.

A questão que orienta este percurso é a seguinte: De que maneira a dialética entre o recolhimento poético presente em *Claros del bosque* (Zambrano) e a autoconstrução narrativa em *Cómo se hace una novela* (Unamuno) fundamenta o processo de conscientização requerido por uma *Pedagogia da Autonomia* (Freire)?

[1] Graduanda do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - PB, fernanda.teixeira.silva@aluno.uepb.edu.br;
[2] Doutora em Ciências da Literatura/Poética da Universidade Federal do rio de Janeiro- RJ, cristianeagnes@servidor.uepb.edu.br;

Em *Claros del bosque*, María Zambrano (2011) propõe uma compreensão singular do conhecimento que se afasta da racionalidade meramente lógica e instrumental. A metáfora do "claro", espaço de luz que se abre no interior da floresta, não é acidental: designa o instante em que a verdade se revela, não por imposição conceitual, mas como doação, espera e disponibilidade. Como expressa a própria autora: “El claro es un don. No se conquista; se recibe" (ZAMBRANO, 2011, p. 47). Tal formulação contesta a pretensão de dominar o real mediante a razão calculadora, sugerindo que a lucidez interior brota de um movimento de escuta e recolhimento.

Para Zambrano, a interioridade não constitui refúgio estéril nem fuga do mundo: é, ao contrário, a via pela qual o sujeito se aprofunda e, ao fazê-lo, reconhece sua conexão com a totalidade. A "Razão Poética" que a filósofa propõe não é uma razão frágil ou incompleta: é uma racionalidade ampliada, que integra o sentir, o sonho e o mistério, dimensões que o pensamento instrumental costuma marginalizar. *“*Pensar poéticamente es penetrar en la realidad no para someterla, sino para habitar en ella” (ZAMBRANO, 2011, p. 29).

Essa compreensão dialoga diretamente com a formação educativa: uma pedagogia que ignora a dimensão interior do sujeito reduz-se a mecanismo de transmissão, perdendo de vista que educar é também propiciar espaços de silêncio, reflexão e encontro consigo mesmo. Sem a experiência do "claro", instante em que o educando e o educador percebem o sentido profundo do que aprendem, o conhecimento permanece exterior, formal e, em última instância, perecível.

Se Zambrano nos ensina a recolher-nos para compreender, Miguel de Unamuno, em *Cómo se hace una novela* (2009), convida-nos a escrever-nos, a construir a própria existência como narrativa viva e inacabada. Para Unamuno, a vida humana é, em essência, história que se faz: não há um modelo prévio, um roteiro pronto a cumprir. “Cada uno de nosotros es el autor de su propia vida, aunque no la haya escrito" (UNAMUNO, 2009, p. 13). A metáfora da "novela" não é literária apenas: é existencial. O sujeito não é personagem fixo nem obra concluída; é artífice que, a cada instante, tece a trama de si mesmo.

Essa autoria, porém, não se exerce no isolamento. Unamuno sublinha que a construção de si acontece sempre em relação: ao narrar-se, o sujeito revela-se ao outro e, no diálogo, reescreve-se. "Escribir la propia vida es también entregar a los demás el hilo que nos teje juntos" (UNAMUNO, 2009, p. 42). Aplicada à educação, essa perspectiva significa que a formação não é modelagem externa: é processo de autoria compartilhada, em que educador e educando reconhecem-se como co-criadores de saberes e de sentidos.

A convergência com Zambrano torna-se evidente: o "claro" de lucidez interior é precisamente o momento em que o sujeito percebe-se narrador e não apenas personagem de sua própria história. A consciência de si como ser em formação, inconclusivo, mas responsável, é o que possibilita a passagem da mera vivência à existência autônoma.

Paulo Freire fundamenta essa construção na dimensão política e histórica. Em *Pedagogia da Autonomia* (2013), reafirma que a autonomia não se herda nem se transfere: conquista-se na práxis, na unidade indissociável entre reflexão e ação. "Somos seres condicionados, mas não determinados" (FREIRE, 2013, p. 31). Tal afirmação é central: reconhecer o inacabamento humano não é conformar-se, mas assumir a responsabilidade de completar-se. A educação autêntica, para Freire, é educação para a consciência crítica, que não se contenta em adaptar o sujeito à realidade, mas o impele a transformá-la.

Freire aproxima-se tanto de Zambrano quanto de Unamuno ao reconhecer que a mudança externa pressupõe a mudança interna: não há sujeito transformador que não se reconheça, antes, como sujeito em transformação. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 2013, p. 12) , frase que condensa a reciprocidade entre interioridade e exterioridade: ao aprofundar-se em si, o educador melhor compreende os educandos; ao refletir coletivamente, a comunidade educativa reconfigura a si mesma.

A noção de "inacabamento", cara a Freire, dialoga com a "novela" unamuniana e com o "claro" zambraniano: todos reconhecem o ser humano como processo aberto, em constante devir. A diferença está na ênfase: Zambrano ilumina a dimensão espiritual e reflexiva desse processo; Unamuno, a dimensão narrativa e biográfica; Freire, a dimensão ética, política e histórica. Juntos, compõem um quadro mais completo: a autonomia plena exige lucidez interior, autoria pessoal e compromisso coletivo.

A articulação entre os três autores revela que a formação humana integral não se reduz a nenhuma de suas dimensões isoladamente. A educação que prescinde da interioridade torna-se técnica vazia; a que ignora a autoria pessoal reduz-se a doutrina; a que separa reflexão de ação perde-se em discurso estéril.

Quando o sujeito, ao acessar seu "claro", na senda apontada por Zambrano , reconhece-se como ser inconcluso, tem a oportunidade de assumir a autoria de sua própria novela existencial, no sentido unamuniano, criando assim sua realidade a partir do exercício consciente de sua autonomia na perspectiva freireana. Nesse percurso, o autoconhecimento deixa de ser experiência solitária e converte-se em práxis transformadora da realidade social e educativa.

INTERIORIDADE COMO CAMINHO DE CONHECIMENTO: DIÁLOGOS ENTRE MARÍA ZAMBRANO, MIGUEL DE UNAMUNO E PAULO FREIRE

María Zambrano, em *Claros del bosque* (2011), propõe uma reestruturação profunda dos fundamentos do conhecimento, ao defender que a racionalidade, para ser plena, não pode separar-se da interioridade humana.

A reflexão sobre a interioridade ocupa um lugar significativo na compreensão da existência humana, sobretudo quando o conhecimento de si é entendido como um processo que ultrapassa a apreensão racional e objetiva da realidade. Nessa perspectiva, a aproximação entre o pensamento de María Zambrano e o de Miguel de Unamuno possibilita investigar como a experiência interior, a linguagem e a confrontação com os mistérios da existência contribuem para a constituição de um sujeito consciente de si. Embora apresentem percursos filosóficos distintos, ambos permitem pensar o ser humano como uma realidade em permanente construção, cuja compreensão exige a consideração de suas experiências, contradições e possibilidades de transformação.

No pensamento zambraniano, a Razão Poética constitui uma perspectiva relevante para compreender a relação entre pensamento, sensibilidade e experiência interior. Essa abordagem permite questionar os limites de uma racionalidade que pretende apreender integralmente a existência mediante conceitos abstratos. Ao discutir o pensamento de Zambrano (1977), Rastrojo (2012) destaca a importância do saber da experiência, compreendido como um conhecimento que não se limita à elaboração intelectual, mas se

constitui também por meio daquilo que o sujeito vive e experimenta. O autor recupera a compreensão de que a experiência envolve um saber vivido e padecido, diretamente relacionado à vida concreta do indivíduo.

Essa concepção contribui para a compreensão da interioridade como percurso de autoconhecimento, pois conhecer a si mesmo não significa apenas organizar informações sobre a própria identidade, mas reconhecer as experiências que atravessam a existência e participam da constituição do sujeito. O conhecimento interior exige, portanto, disponibilidade para enfrentar dúvidas, reconhecer limites e atribuir sentido às vivências. Sob essa perspectiva, a experiência não representa somente um acontecimento passado, mas uma possibilidade de transformação da maneira como o indivíduo compreende a si mesmo e sua relação com o mundo.

A clareza não é fruto de dominação técnica sobre a realidade, mas de escuta e disponibilidade. A educação, nessa chave, não consiste em "desmatar" o mistério com luzes absolutas, mas em acompanhar o educando na travessia.

Como destaca Soto (2024, p. 91) : "Abrir preguntas esenciales como quehacer del maestro exige quebrar la educación bancaria tradicional, permitiendo que el educando transite de objeto pasivo a sujeto histórico y consciente de su devenir".

A proposta zambraniana aproxima-se de uma ética da escuta, na qual o educador não se coloca como detentor da verdade, mas como aquele que ajuda o outro a encontrar o seu próprio caminho, um "mestre" que, diferente do mero "professor", não impõe respostas, mas desperta perguntas essenciais. O bosque, espaço de sombra e densidade, representa a própria vida interior; a clareira, o instante em que a verdade se revela sem anular a penumbra. A autonomia nasce, assim, não fora de si, mas no reconhecimento de que a luz e a sombra coexistem no ser.

Na obra Claros *del Bosque* (2011), o bosque pode ser interpretado simbolicamente como um espaço de travessia, no qual o sujeito se afasta das certezas imediatas e se abre ao desconhecido. Essa interpretação estabelece uma aproximação com a reflexão de Rastrojo (2012) sobre o saber da experiência e sua dimensão transformadora. Ao discutir a experiência, o autor evidencia seu caráter de aventura e sua abertura àquilo que ainda não está inteiramente determinado, destacando a possibilidade de o indivíduo confrontar-se com o incerto.

O bosque, nessa leitura, não constitui apenas um espaço físico ou paisagístico, mas uma imagem simbólica do percurso interior. Atravessá-lo significa enfrentar a complexidade da própria existência, reconhecendo que o autoconhecimento não se realiza por meio de respostas definitivas. Ao contrário, trata-se de um movimento contínuo de descoberta, no qual o sujeito aprende a acolher aquilo que ainda não consegue compreender plenamente. A metáfora do *claro*: espaço de luz que desponta no interior da floresta densa, sintetiza a sua tese central: a verdade não se impõe pela força lógica, mas se acolhe como dom, em ato de recolhimento e disponibilidade O claro que emerge nesse percurso pode ser interpretado como um instante de percepção e revelação, no qual algo da existência se torna acessível à consciência sem que o mistério do ser seja completamente eliminado.

Essa interpretação também permite estabelecer um diálogo com Miguel de Unamuno (2009), cuja reflexão sobre a existência humana, conforme analisada por Ángeles-Cerón (2023), está associada à experiência da contradição, da finitude e da busca de sentido. Para o autor, Unamuno não compreende o indivíduo como uma realidade acabada, mas como alguém que se constitui ao longo da própria existência. A experiência humana é atravessada por tensões que não podem ser definitivamente resolvidas por uma racionalidade exclusivamente lógica, de modo que a dúvida e a contradição assumem uma função importante no processo de compreensão de si. A aproximação entre os dois pensadores permite reconhecer que o autoconhecimento não consiste em alcançar uma identidade fixa e imutável. Em Zambrano, a interioridade pode ser compreendida como abertura ao saber que emerge da experiência sensível; em Unamuno, a constituição de si relaciona-se à tensão existencial e ao enfrentamento das contradições humanas. Em ambos os casos, o sujeito é compreendido como alguém que precisa percorrer um caminho de descoberta, no qual a experiência desempenha um papel fundamental.

A educação, nessa perspectiva, não se reduz à transferência de conteúdos prontos; exige a criação de espaços onde o silêncio, a escuta e a reflexão possam germinar. Conhecer não é dominar o mundo, mas penetrar nele de modo a nele habitar.”Pensar poéticamente es penetrar en la realidad no para somertela, sino para habitar en ella” (ZAMBRANO,2011 p.29). Reconhecer a própria interioridade não significa afastar-se definitivamente do mundo, mas desenvolver uma compreensão mais crítica das experiências, dos valores e das relações que participam da constituição da identidade.

Essa dimensão relacional aparece na análise de Ángeles-Cerón (2023), ao discutir a relação entre educação, escrita e alteridade no pensamento de Unamuno. O autor destaca que a formação da individualidade não exclui a dimensão social, pois a compreensão de si também se desenvolve por meio da relação com o outro. A escrita e a educação podem, nesse sentido, contribuir para que o sujeito reconheça outras formas de existência e amplie sua compreensão da realidade.

Em diálogo com essa perspectiva, Rastrojo (2012) apresenta a educação dialógica como possibilidade de emancipação, uma vez que o processo educativo deve favorecer a participação crítica dos sujeitos e superar relações fundamentadas na imposição unilateral do conhecimento. O diálogo permite que o indivíduo confronte suas interpretações com outras perspectivas e desenvolva maior autonomia na construção de seus posicionamentos.

Essa concepção amplia o sentido da autogênese. O sujeito consciente de si não é aquele que alcançou um conhecimento absoluto sobre sua identidade, mas aquele que reconhece a própria condição histórica, os limites de sua compreensão e a possibilidade de transformar suas interpretações. A aproximação entre o saber, a contradição e o questionamento evidencia que o autoconhecimento não se realiza por meio de respostas prontas, mas por um movimento contínuo de reflexão e transformação. A consciência de si implica, portanto, um exercício contínuo de reflexão, no qual a experiência interior se relaciona com a abertura ao outro e com a compreensão crítica do mundo.

Segundo Oliveira (2022), ao destacar que a educação verdadeira não se confunde com a mera transmissão de saberes, mas com a formação integral do sujeito, um processo que exige, antes de tudo, que o educador reconheça e valorize a dimensão interior de quem aprende. Sem a experiência do "claro", sem o instante em que o educando percebe o sentido profundo do que vivencia, o conhecimento permanece exterior, formal e perecível. A autonomia, assim, tem raízes na clareza interior.

RECONHECER-SE: A AUTORIA DA VIDA

Em "Cómo *se hace una novela"* (2009), Miguel de Unamuno aprofunda a dimensão narrativa da existência, convergindo com Zambrano ao afirmar que cada ser humano é, ao mesmo tempo, autor e obra é uma narrativa em construção. A vida não

segue um roteiro prévio; ela se faz no próprio ato de vivê-la e de refletir sobre si mesma:“Cada uno de nosotros es el autor de su propia vida, aunque no la haya escrito” (UNAMUNO, 2009, p. 13). Tal autoria, contudo, não se exerce no isolamento. O ato de narrar-se é também um ato de partilha: ao dar forma à própria história, entrelaça-se à dos outros, escrever a própria história é também entregar aos demais o fio que nos une (UNAMUNO, 2009).

Ángeles-Cerón (2023) destaca que, para Unamuno, educar e escrever são, em essência, uma mesma tarefa: ambas exigem que quem ensina ou escreve se entregue integralmente, não oferecendo respostas definitivas, mas partilhando dúvidas, inquietações e o próprio caminho percorrido. O educador verdadeiro não transmite apenas saberes; transmite a forma como se relaciona com a vida.

Brandão (2018) aproxima-se do pensamento de Paulo Freire: ninguém educa ninguém de forma vertical; todos se educam entre si, mediatizados pelo mundo. A formação não é um modelo imposto de fora, mas uma criação coletiva, em que cada um assume a autoria de sua vida, ao mesmo tempo em que reconhece o outro como sujeito igualmente responsável. A convergência com Unamuno é evidente: ser autor de si não é isolar-se, mas reconhecer que a própria narrativa se entrelaça à dos outros na construção de um mundo comum. A autonomia, portanto, não é isolamento: é a coragem de tecer-se com os demais.

A autonomia não se transfere; se constrói. Exige reconhecimento do inacabamento, a consciência de que somos seres em permanente formação, além de respeito à identidade e aos saberes prévios de cada educando. Contra a "educação bancária", que fixa e deposita, Freire propõe o diálogo como método: ”Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE apud OLIVEIRA,2022, p.7). Ensinar é, antes de tudo, abrir espaços para que perguntas possam surgir, pois a verdadeira educação não responde pelo outro, desperta a curiosidade e a capacidade de buscar.

Segundo Brandão (2018), a autonomia freiriana se configura como capacidade de agir crítica e responsavelmente, articulando reflexão e ação, a práxis, sem a qual a liberdade esvazia-se em mero individualismo. O educador não é quem sabe tudo, mas quem aprende ao ensinar: forma-se e reforma-se no processo.

ISSN: 2358-8829

Paulo Freire fundamenta essa trajetória na dimensão política e histórica, reafirmando que a autonomia não se herda, não se transfere e não se conclui, se constrói na práxis, na unidade indissociável entre reflexão e ação. A recusa à "educação bancária", na qual o educando é tratado como depósito de saberes alheios é também uma recusa à passividade.

Como destaca Oliveira (2022), a educação bancária, ao tratar o educando como mero depósito de saberes alheios, destrói a própria possibilidade de autonomia, pois: "A educação não é meramente uma transmissão de conhecimentos, cujo professor não é nada mais que um guru, funcionando como uma espécie de ser superior e o aprendiz uma espécie inferior do processo final" (OLIVEIRA, 2022, p. 8).

Reconhecer que somos seres inacabados não é sinal de fragilidade, mas de abertura. "Somos seres condicionados, mas não determinados" (FREIRE apud OLIVEIRA, 2022, p. 12). Essa afirmação dialoga diretamente com a "novela" unamuniana: história sem capítulo final e com o "claro" zambraniano: luz que coexiste com a sombra, sem extingui-la. Em comum, a convicção de que a formação humana não tem termo; renova-se em cada escolha, em cada diálogo, em cada ato de reconhecimento de si e do outro.

Morin (2000) reforça essa perspectiva ao assinalar que a educação para a autonomia exige reconhecer a complexidade inerente ao ser humano, integrando razão, afeto, memória e esperança e recusar visões redutoras que fragmentam o sujeito ou o separam de seu contexto. O pensamento único, a resposta pronta, o caminho já traçado: tudo isso aprisiona. O que liberta é a pergunta, a busca, o movimento de construir junto.

Oliveira (2022) sublinha que, para Freire, o educador não é quem sabe tudo nem quem detém a verdade, mas quem cria as condições para que o educando aprenda a pensar por si mesmo. Essa postura coincide com o que Zambrano denomina "mestre": não aquele que responde pelo outro, mas aquele que ajuda a abrir o caminho. Essa abertura coincide com o que Paulo Freire denomina consciência crítica: a capacidade de perceber-se como sujeito que transforma o mundo ao transformar a si mesmo. Por sua vez, Brandão (2018) mostra que, no pensamento freiriano, ensinar e aprender são movimentos recíprocos: não há docência sem discência, assim como não há autor sem leitor, nem clareira sem a floresta que a rodeia. Quando o sujeito, ao acessar seu "claro", reconhece-

se como ser inconcluso, assume a autoria de sua própria existência e, ao fazê-lo, engaja-se na transformação do mundo em comunhão com os outros. A autonomia não é, portanto, um estado definitivo a ser alcançado, mas o próprio movimento de caminhar: entre a clareza que se recebe, a história que se escreve e a liberdade que se constrói junto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação do pensamento poético-filosófico aos Fundamentos da Educação, ao invés de desviar da finalidade prática, amplia o horizonte da formação crítica. A reflexão sobre si mesmo não é etapa preliminar nem complemento dispensável: é o próprio fundamento sobre o qual se ergue a autonomia. Sem a lucidez interior que Zambrano descreve, sem a coragem de autoria que Unamuno inspira e sem o compromisso transformador que Freire exige, a educação corre o risco de reproduzir, ela mesma, a lógica de dominação que pretende superar.

Conclui-se, portanto, que a formação de sujeitos autônomos e historicamente comprometidos passa necessariamente pela integração entre interioridade e práxis, entre recolhimento poético e ação transformadora. O "claro" não é um ponto de chegada, mas um espaço que se reabre a cada dia; a "novela" não tem capítulo final; a autonomia não se possui definitivamente: constrói-se, reescreve-se e renova-se em cada ato de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Fundamentos da Educação; Paulo Freire; María Zambrano; Miguel de Unamuno; Autonomia.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, portanto agradecemos ao programa PIBIC/CNPQ-UEPB cota 2024/2025**,** pelo incentivo à realização deste trabalho, bem como à pesquisa científica em todo Brasil. Em especial agradeço à Prof.ª ª. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia pelo direcionamento durante a realização do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ÁNGELES-CERON, Francisco de Jésus. **Educación, escritura y existencia en Miguel de Unamuno.** Sophía. Revista de Filosofía de la Educación, nº 35, p. 125–157, 2023. Disponível em: https://sophia.ups.edu.ec/sophia/article/view/6345. Acesso em: 28 jan. 2026.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: uma vida entre aprender e ensinar.** 1ª edição. Editora Ideias & Letras,2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Editora Cortez,2000.

OLIVEIRA, José Fernando Lima de. Liberdade **e autonomia no pensamento freiriano: reflexões pedagógicas sobre o papel do educador atual.**Disponível:https://rifedu.ude.edu.uy/index.php/Avanz-Inv/en/article/view/194/526.Acesso em 22/02/2026.

SOTO, Fernando. **Abrir preguntas esenciales como quehacer del maestro.** Diálogo Filosófico, n. 118, p. 89–102, 2024. Disponível em: https://www.dialogofilosofico.com/index.php/dialogo/article/download/178/184/735. Acesso em: 5.fev. 2026.

UNAMUNO, Miguel de. ***Cómo se hace una novela.*** Madrid: Cátedra Letras Hispánicas, 2009.
ZAMBRANO, María. ***Claros del bosque***. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.